

# A norma dos corpos holográficos

Janaina Moraes<sup>1</sup>  
Karla Saraiva<sup>2</sup>

## Resumo

Este artigo busca problematizar o significativo investimento feito pelos sujeitos contemporâneos para remodelar seus corpos e torná-los perfeitos. A popularização do acesso aos procedimentos estéticos vem estimulando uma crescente busca pelo que chamamos de corpo holográfico (um corpo ideal, que se mantém constantemente jovem e dotado de uma beleza ofuscante e de uma saúde perfeita). Este trabalho fundamenta-se, principalmente, nos estudos de Foucault acerca da norma e do biopoder, nos de Lazzarato sobre noopolítica e de Gabriel Tarde sobre opinião pública. Propomos, com base nestes autores, o surgimento de outras normas, a partir da articulação do biopoder com o noopoder. Emergem outras normatividades e outros processos de normalização, que já não dependem exclusivamente de práticas coercitivas, mas que acompanham a efemeridade e a contingência das opiniões públicas sobre beleza e saúde. Através da análise de excertos das revistas *Plástica & Beleza*, *Boa Forma*, *Women's Health* e *Corpo a Corpo*, procuramos identificar algumas das tantas normatividades que surgiram e que vêm sendo veiculadas através das mídias, de forma a mostrar o quanto a normalização é desejada e buscada pelos sujeitos contemporâneos.

**Palavras-chave:** norma, biopoder, noopoder, corpo holográfico, opinião pública

## The norm of holographic bodies

### Abstract

This article seeks to question the significant investment made by contemporary subjects to reshape their bodies and make them perfect. The widespread access to cosmetic procedures has encouraged a growing search for what we call holographic body (an ideal body, which remains constantly young and gifted with a dazzling beauty and perfect health). This work is based mainly on Foucault's studies on norm and biopower, in Lazzarato's studies on noopower and on Gabriel Tarde's studies on public opinion. We propose, based on these authors, the emergence of other standards, from the articulation of biopower with noopower. Other normativities and other normalization processes appear which no longer rely solely on coercive practices, but accompanying the ephemeral and the contingency of public opinions on beauty and health. Through the analysis of excerpts from the Brazilian magazines *Plastic & Beauty*, *Fitness*, *Women's Health* and *Body to Body*, we identify some of the many normativities that have emerged and are being conveyed through the media, showing how normalization is desired and sought by contemporary subjects.

**Keywords:** norm, biopower, noopower, holographic body, public opinion

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação (ULBRA), professora do IPUC.

<sup>2</sup> Doutora em Educação (UFRGS), professora do PPG Educação ULBRA.

## INTRODUÇÃO

Um dos sinais marcantes da Contemporaneidade parece ser o significativo investimento feito pelos sujeitos para conferir aos seus corpos uma aparência “mais jovem”, “mais bela” e “mais saudável”. As inúmeras possibilidades para se obter um corpo remodelado e aprimorado, viabilizadas pelas tecnologias associadas à medicina, parecem seduzir-nos e render-nos diante das múltiplas técnicas de intervenção dos corpos.

De acordo com uma pesquisa encomendada pela Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica ao Instituto Data Folha, foram realizadas, no Brasil, aproximadamente 629 mil cirurgias plásticas entre setembro de 2007 e agosto de 2008. Estes dados colocam o Brasil em segundo lugar no *ranking* mundial de cirurgias plásticas, perdendo apenas para os Estados Unidos. Os números divulgados pela pesquisa consideram apenas as cirurgias plásticas e, assim sendo, excluem os procedimentos estéticos realizados em clínicas, que se fossem contabilizados, poderiam representar um salto estatístico no que se refere à busca pelo aperfeiçoamento da estética corporal. Além disso, deve-se considerar o grande consumo de cremes anti-idade e antirrugas, hidratantes corporais, filtros solares, além das dietas e das atividades físicas que, em conjunto, concorrem para remodelar os corpos e torná-los mais performáticos.

Parece-nos que esse fenômeno das remodelagens corporais atinge várias faixas etárias e classes sociais, não se configurando como algo focal ou restrito às elites. Entendemos que a popularização do acesso a esses procedimentos estéticos vem estimulando a crescente busca por um corpo ideal, que se mantenha constantemente jovem, que seja dotado de uma beleza ofuscante e de uma saúde perfeita. Sugerimos chamar esse corpo ideal de corpo holográfico.

A proliferação dos corpos holográficos, que parece seduzir os sujeitos contemporâneos a uma constante exposição de si, nos leva a pensar nas seguintes perguntas: o que incita —e convence— esses sujeitos à busca incessante dos corpos holográficos? E de que maneira estamos sendo educados para esta busca?

Para dar conta desta problematização, utilizamos o conceito foucaultiano de *norma*, propondo a ampliação do mesmo a partir de sua articulação com o conceito de *noopolítica*, proposto por Lazzarato. Parece-nos que as remodelagens corporais a que os sujeitos contemporâneos se submetem busquem uma adequação às normas da noopolítica, que, em última análise,

dizem respeito às opiniões públicas acerca do que se entende hoje por beleza e saúde.

## DE NORMAS, NORMAIS E NORMALIZAÇÕES

A noção de norma encontra-se disseminada na obra de Michel Foucault. Embora o filósofo nunca tenha lhe dedicado um estudo específico, a norma pode ser encontrada em diversas obras suas. Assim, conforme aponta Ewald (1993), podemos melhor compreender a noção de norma em Foucault fazendo um estudo transversal de sua obra. Como uma primeira observação, cabe sublinhar a estreita relação entre norma e poder na obra foucaultiana e o entendimento muito peculiar desse autor acerca do poder. Para ele, o poder não existe por si, mas é algo que se exerce. Mais do que repressivo, o poder é produtivo. Funciona por convencimento, sendo diferente da violência, que apela para a coerção (FOUCAULT, 1995). O poder é sempre relacional e inerente a qualquer tipo de relação.

No livro *Vigiar e punir* (FOUCAULT, 1999), originalmente publicado em 1975 e conhecido por tratar daquilo que Foucault chamou de poder disciplinar, já aparecem termos como norma, normalizador e normalização. Essa modalidade de poder, surgida no século XVIII, é exercida, em geral, no interior de instituições como prisões, hospitais, quartéis e escolas. Seu objetivo é a docilização dos corpos, produzindo sujeitos obedientes aos regulamentos por meio da vigilância, do exame e de sanções. Uma das seções desse livro é intitulada *A sanção normalizadora* e mostra, como indica o título, que as punições utilizadas em dispositivos disciplinares têm como objetivo promover a normalização dos sujeitos, ou seja, fazer com que se comportem de modo entendido como normal.

Ainda no ano de 1975, Foucault (2001) ministra no Collège de France o curso *Os anormais*, em que mostra o surgimento de indivíduos assim chamados ao longo do século XIX. Ao publicar o resumo desse curso (a publicação dos resumos dos cursos no *Annuaire* do Collège de France era posterior ao curso), Foucault (1997, p.66-67) escreve que estaria terminando “este ciclo com os estudos dos mecanismos através dos quais, desde o final do século XIX, pretendeu-se ‘defender a sociedade’”. Contudo, o curso do próximo ano, que propõe analisar as relações de poder pelo modelo da guerra, chamar-se-ia, justamente, *Em defesa da sociedade* (FOUCAULT, 1999a). Na aula do dia 14 de janeiro de 1976, Foucault (1999a) volta a falar da disciplina e sua relação com a norma, dizendo que estaríamos vivendo numa *sociedade de normalização*.

E é na última aula desse curso, realizada no dia 17 de março, que Foucault (1999a) enuncia o conceito de biopoder, um outro modo de exercício do poder que aparece no século XIX e que já não tem por alvo os corpos individuais, mas a população. Uma modalidade de poder que se propõe regular a vida da população para reduzir os riscos, fazendo-a viver. Por lidarem com o risco, os dispositivos associados ao biopoder são chamados por Foucault de dispositivos de segurança. É importante notar que biopoder e disciplina não são mecanismos excludentes: por não estarem no mesmo nível, articulam-se entre si para potencializar os resultados. E o elemento que circula entre a disciplina e o biopoder é a norma: “a sociedade de normalização é uma sociedade onde se cruzam, conforme uma articulação ortogonal, a norma da disciplina e a norma [do biopoder]” (FOUCAULT, 1999a, p. 302).

Ewald (1993), em texto elaborado a partir do estudo das obras foucaultianas, traz algumas observações importantes acerca do conceito de que aqui tratamos. Ele aí assinala o caráter relacional da norma, que se constitui como um princípio de comparação dos indivíduos com um grupo. A norma se estabelece no interior de um grupo, não apelando para exterioridades. Dentro desse grupo, todos estão ao abrigo da norma, sejam normais ou anormais. O que os separa são divisões internas à norma, que demarca condições de normalidade. Em um mesmo movimento, a norma homogeneiza e diferencia. Homogeneiza ao colocar todos no seu interior e diferencia ao fazer cada um ocupar um lugar, uma classificação. A norma torna cada um, um caso. Ela individualiza sem apelo para uma metafísica, pois é puramente comparativa.

Essas são características gerais acerca da norma, que valem tanto para as normas disciplinares, quanto para aquelas ligadas ao biopoder. Contudo, essas duas categorias de normas apresentam outras características que as distinguem, conforme mostra Foucault (2008) na aula de 25 de janeiro de 1978, do curso *Segurança, Território, População*.

De acordo com essa aula, nos dispositivos disciplinares, a norma é estabelecida previamente, sem que seja necessária uma observação do grupo. Ou seja, o processo inicia-se pela criação da norma, pela normatização. Ela se origina de saberes que não são adquiridos pelo estudo do grupo, mas estabelecidos por condições outras, que descreveriam um ideal. Uma vez estabelecida a norma e, por conseguinte, a faixa de normalidade, o olhar volta-se para o grupo. A partir dessa observação, classificam-se os sujeitos como normais ou anormais, sinalizando um sistema classificatório binário. Embora possam existir sistemas de hierarquização, o par normal/anormal é acentadamente dualístico, não permitindo nuances. Ainda conforme Foucault, a disciplina funciona segregando os anormais, fixando-os em sua

anormalidade. Ela impõe uma nova ordem sobre a multiplicidade. A norma disciplinar aplica sobre os corpos anormais marcas que tornam visível essa condição. Os loucos vão para o hospício, os maus alunos recebiam castigos corporais ou eram colocados em um lugar especial na sala de aula. Para os anormais, sempre que possível, estão previstas estratégias que possam colocá-los dentro da normalidade, que possam reconduzi-los ao lugar dos normais. O objetivo é fazer com que todos atinjam uma dada condição de normalidade, que se configura pela obediência aos regulamentos. A norma disciplinar atua com números absolutos, visa exterminar com a anormalidade. Ela pressupõe uma obediência positiva e ativa a um conjunto de regras, isto é, a um regulamento, que estipulam as condutas adequadas. A disciplina, assim como a soberania, atua por meio da obediência. A diferença é que o poder soberano se exerce por meio de uma obediência negativa, expressa por proibições, e a disciplina, por meio de uma obediência positiva, que submete o sujeito a agir de acordo com o regulamento.

Já no caso da norma biopolítica, a norma será deduzida de uma multiplicidade: inicia-se pela observação de uma população, o que permite determinar, a partir de conhecimentos científicos fortemente embasados pela estatística, parâmetros aceitáveis para aquele grupo em termos do fenômeno estudado (mortalidade, natalidade, renda, grau de instrução,...). Esse parâmetro aceitável apontará quem é o normal, a partir do qual fica estabelecida a norma. A divisão binária entre normais e anormais da norma disciplinar se multiplica numa gradação com crescente complexidade. Já não se estabelece uma relação dicotômica, mas um espectro em que a (a)normalidade é graduada. As práticas de normalização podem incluir ações sobre a população, sobre segmentos da população ou sobre indivíduos. Na biopolítica, determinar o anormal, estabelecer a norma e prescrever práticas de normalização se constituem tarefas de especialistas, não podendo ficar a cargo de leigos.

A norma biopolítica não atua no sentido de fixar os anormais, isolá-los. Normais e anormais convivem, fazendo-se intervenções sobre a população para trazer os anormais para a faixa de normalidade. Esse tipo de norma tende a estratificar a população de modo cada vez mais minucioso. A dicotomia normal/anormal perde força, sendo fragmentada em categorias mais ou menos conforme aos parâmetros de normalidade. O binarismo disciplinar torna-se um gradiente na biopolítica. O enquadramento dos sujeitos nessas categorias torna-se função de especialistas. Esse sistema que funciona por gradientes já não busca uma normalização absoluta: perdido o binarismo, seu objetivo é reduzir as taxas de risco das categorias mais vulneráveis. Sua atuação se pauta por números relativos, por valores aceitáveis, buscando otimizar a relação

entre custo (no sentido amplo do termo) e benefício. Ao passar de um sistema binário para um sistema de gradiente, apaga a rígida fronteira entre normal e anormal, o que não significa o desaparecimento do normal. Talvez se possa dizer que os anormais das normas biopolíticas são muito menos visíveis. Eles não são segregados, normais e anormais compartilham o mesmo espaço; o corpo anormal não recebe marcas que o identifique como tal. Contudo, longe de desaparecer, parece-nos que os anormais se proliferam: sempre é possível dar um passo à frente na otimização, sempre é possível ser “mais saudável”, “mais empregável” e assim por diante. A ação do biopoder não passa pelo estabelecimento de rígidos regulamentos a serem obedecidos, mas por estratégias para regular a vida da população.

Aqui é importante diferenciar esses dois termos tão próximos: regulamentar e regular. Não sendo nossa intenção fixar-lhes sentidos, apresentamos o modo como serão utilizados por nós na esteira de Foucault (2008). Entendemos por regulamentar a ação de submeter a um regulamento, a um conjunto de regras que determinam o que cada um *deve* ou não deve fazer. Já a ação de regular não determina o que deve ser feito, estabelece o que *pode* ser feito. Ou seja, enquanto o regulamento prescreve um determinado comportamento, comportamento ideal e a ser adotado por todos; a regulação deixa fazer, desde que dentro de determinadas normas, que funcionam como as regras de um jogo. A regulação não é prescritiva, mas fiscalizadora; atua mais incisivamente na correção do meio do que na sua prévia organização.

Foucault (2003), em uma entrevista, já dizia que existem cada vez mais pessoas que não são capturadas pelos processos disciplinares, apontando para um declínio da potência da disciplina. Por outro lado, de acordo com Hardt e Negri (2005), na Contemporaneidade o biopoder tende a recobrir todo o tecido social, penetrando até seus pontos mais recônditos. Isso indica que os saberes e os processos de que se ocupa o biopoder se ampliam na atualidade. Não apenas nascimentos, mortes, doenças e economia. O corpo-espécie é cada vez mais esquadrihado, cada vez entram no jogo do biopoder um maior número de elementos. Sendo os processos normativos do biopoder ligados à noção de risco, isso equivale a dizer que cada vez mais se produzem riscos. Além disso, o biopoder contemporâneo vai sendo privatizado, cada vez menos é monopólio estatal. Nesse sentido, o corpo holográfico também pode ser entendido como um produto do biopoder: um biopoder que não apenas faz viver, mas como indica Foucault no curso *Segurança, Território, População* faz mais do que viver. Esse mais do que viver cada vez mais é alvo do biopoder. Os riscos que implicaria a falta de investimentos no corpo holográfico seriam diversos. Assim, parece-nos que, na Contemporaneidade, a norma disciplinar vai

empalidecendo, deixando que a norma securitária ocupe lugar cada vez mais destacado.

Entretanto, conforme assinala Lazzarato (2006) na obra *As Revoluções do Capitalismo*, na Contemporaneidade, o diagrama de forças se complexifica e surge uma nova modalidade de exercício de poder, que irá se articular com as já existentes. Essa nova modalidade será exercida por meio de cérebros que se tocam a distância, utilizando tecnologias avançadas. Seu alvo não é mais a população, mas os públicos. A essa modalidade de poder, ele denominou noopoder. Essa denominação derivado do termo grego *noûs* (noos), que significa a mente ou a porção racional da alma. Assim, as relações de poder, na noopolítica, “se expressam pela ação à distância de uma mente sobre a outra, pela capacidade de afetar e ser afetado dos cérebros, midiaticizada e enriquecida pela tecnologia” (LAZZARATO, 2006, p.76). Com base em Tarde, esse autor situa no final do século XIX o início da era dos públicos, tornada possível pelo desenvolvimento de tecnologias de comunicação à distância. Os públicos, então, podem ser entendidos como multiplicidades já organizadas através dessas tecnologias de comunicação à distância. São, também, formas de subjetivações que expressam a flexibilidade e a característica de multipertencimento dos sujeitos a vários públicos simultaneamente, porém através de uma relação de pertença sem vínculo de exclusividade. De acordo com Tarde (2005), quando há um acordo parcial entre os diferentes públicos acerca de alguns pontos importantes, tem-se a opinião. Conforme Tarde (2005, p.63), a opinião “é um grupo momentâneo e mais ou menos lógico de juízos, os quais, respondendo a problemas atualmente colocados, acham-se reproduzidos em numerosos exemplares dentre as pessoas [...] da mesma sociedade”. A opinião forma-se, segundo Tarde, por meio da conversação. Trazendo para os dias de hoje, a conversação se amplia pelos múltiplos artefatos de comunicação existentes, principalmente pela internet, que medeia uma rede de conversas incalculável, capaz de produzir e modificar opiniões com uma velocidade inaudita. E quando essa opinião é assumida por uma grande parcela de públicos simultaneamente, ou então é assumida por uma parcela de públicos com maior reconhecimento social, tem-se a opinião pública. A opinião pública é momentânea e, invariavelmente, sofre objeção (opinião contrária).

A partir dos estudos de Lazzarato, pensamos que o noopoder também produz normas e anormais. Contudo, nesse caso não existe uma ordem entre a produção desses elementos, como ocorria na norma disciplinar ou na norma de segurança. O exercício do noopoder produziria a norma e o anormal simultaneamente. Quando uma opinião se consolida junto a um determinado

grupo, ela, no mesmo movimento, estabelece o padrão de normalidade e define os normais: a normalidade é compartilhar da opinião prevalecente e os normais são aqueles que assumem esta posição. A norma seria, então, a própria opinião, que, ao formar-se, torna as opiniões divergentes no interior de um dado público anormais. A partir desses pressupostos, é possível pensar que o exercício do *noo*poder faz com que norma e normal se constituam no mesmo movimento. O processo de normalização é bastante sutil e compreende a conversão da opinião dos dissidentes na opinião da maioria. Essa conversão se dá pelas conversas e, também, por um certo isolamento que poderá ser sentido pelos que não se conformem às normas do público. Observe-se que maioria nem sempre expressa uma noção numérica: às vezes a opinião que obtém maior reconhecimento não é aquela da maior parte de um público, mas de sua parcela de maior reconhecimento social. Ou seja, a opinião a que se atribui efeitos de verdade nem sempre é aquela compartilhada por uma maior quantidade de indivíduos, mas a que se apresenta como uma tendência, que sinaliza para uma trajetória de crescente captura de novos adeptos.

Entretanto, não basta compartilhar a opinião de um público, mas é necessário, também, conduzir-se de acordo para que se seja considerado normal. Isso nos parece claro nas questões da moda, principalmente entre grupos de jovens. Por meio da opinião, certos modos de vestir e portar-se acabam por ser considerados como adequados em um dado momento, marcando como anormais aqueles que não adotam esses estilos. Os anormais, os que não estão na moda, sofrem a rejeição do grupo e esse mecanismo tende a, por fim, normalizá-los. É importante notar que diferentes públicos convivem e podem constituir diferentes normatividades simultâneas sobre um mesmo tema. De acordo com Lazzarato, na Contemporaneidade, ao contrário da Modernidade, diferentes mundos se realizam simultaneamente. No nosso entender, esses diferentes mundos são as diferentes normatividades, constituídas por diferentes públicos, que convivem em um dado momento. Voltando ao exemplo da moda, pode-se, hoje, ser normal dentro de um grupo e anormal dentro de outro, conservando-se o mesmo comportamento.

Desse modo, observamos na Contemporaneidade a ênfase em três modalidades de exercício de poder –disciplina, biopoder e *noo*poder– que não são excludentes, mas que, pelo contrário, se apoiam umas nas outras e se combinam para potencializar sua eficácia. Essas modalidades estão ligadas à produção de normas e a processos de normalização, com características um tanto distintas, mas que se hibridizam e se misturam. Assim como as modalidades de poder se articulam, podemos pensar que as normas circulam



dentro de um espaço com três pólos, manifestando ênfases, ora em direção à disciplina, ora em direção ao biopoder, ora em direção ao noopoder.

Para compreender o funcionamento das normas, há de se analisar como uma norma se constitui (ou seja, como se determina o que é normal ou anormal), como os sujeitos são classificados como normais ou anormais e quais as práticas de normalização que serão mobilizadas. Na seção seguinte, examinaremos o funcionamento das normas na produção daquilo que estamos chamando de corpo holográfico, um corpo ideal e luminoso, que regula os corpos orgânicos, imperfeitos e opacos. Por meio dessas estratégias, cada um é convocado a engajar-se em intermináveis rituais na busca de um corpo inatingível.

## **DAS TECNOLOGIAS DE PRODUÇÃO DOS CORPOS HOLOGRÁFICOS**

Nesta seção, propomos a análise de excertos de algumas revistas de beleza que apontam para a constituição de uma norma (normalização), que mostram técnicas de normalização e que convocam os sujeitos para essa normalização. Com isso, queremos mostrar que estamos insidiosamente envolvidos por uma teia discursiva que nos enreda e nos leva à busca pela adequação às normas.

Como já foi referido anteriormente, a norma é relacional, ou seja, ela exige a comparação. É dessa comparação que se definem o normal e o anormal, bem como as nuances de normalidade. Assim sendo, observamos que as mídias, especialmente as revistas de beleza, convidam-nos a comparar o corpo que temos, apontando inúmeras imperfeições (estrias, gorduras localizadas, seios pequenos, rugas e linhas de expressão evidentes, manchas na pele, etc...), ao corpo holográfico, exaltando sua beleza, sua juventude e sua saúde perfeitas. Essa comparação entre os corpos orgânicos e holográficos vai evidenciando a perfeita normalidade desses últimos. O orgânico não precisa ser necessariamente o anormal, mas pode flutuar numa ampla escala de normalidade, colocando-se ora mais próximo do normal (ao ser submetido às intervenções para remodelagem), ora mais distante (ao não ser submetido a esses procedimentos). Ressaltamos que as mídias não são a origem soberana das opiniões, mas participam de modo privilegiado na sua criação, consolidação e propagação.

Feitas essas considerações, propomos o recorte de um conjunto de opiniões públicas acerca de saúde e beleza, propagado por revistas como Corpo a Corpo, Plástica & Beleza, Boa Forma e Women's Health. Assim, à

medida que mudam os públicos, mudam também as opiniões, ou seja, as normas da noopolítica.

O conjunto de excertos que segue exemplifica nosso argumento, ao mesmo tempo em que aponta para a constituição de normas acerca de beleza e saúde:

O ponteiro da balança não cede de jeito nenhum? Muita calma nessa hora! Faça nossa dieta e perca 1 kg por semana. (Corpo a Corpo, ano XXIII, n° 252, dezembro/2009, capa)

Dossiê completo sobre laser, preenchimento e plástica para acabar com rugas, manchas e flacidez! (Plástica & Beleza, ano 10, n° 95, junho-julho/2008, capa)

Ano Novo, corpo novo fácil, fácil! Bumbum durinho, pernas definidas, braços fortes. (Women's Health, n° 15, janeiro/2010, capa)

A partir da veiculação midiática das narrativas de corpos esbeltos, livres de gorduras localizadas, de estrias e de celulites, bem como pele lisinha e firme, glúteos empinados e pernas torneadas, dentre outros atributos, passamos a perceber o quanto nosso corpo meramente orgânico difere deste que estampa as capas das revistas de beleza. Mesmo que tenhamos consciência de que aquele corpo que visualizamos nas mídias foi trabalhado por *softwares*, como o *photoshop*, o que nos parece mais relevante é que desejamos ter um corpo tão perfeito quanto aquele que vemos nas revistas. Mesmo que saibamos que aquele corpo holográfico é algo platônico, porque inatingível, ainda assim, o queremos e o buscamos através dos procedimentos estéticos ou cirúrgicos.

O que percebemos nos referidos excertos é a configuração insidiosa de um conjunto de normas, constituídas a partir das opiniões públicas acerca de beleza e saúde, que encontra amparo em conhecimentos científicos. Essas normas do noopoder nos parecem referir-se à *moda*. Lipovetsky, em *O Império do Efêmero* (2005), problematiza a temática da moda, enfatizando que a temporalidade que a governa seria o presente. Só pode estar na moda aquilo que for novidade; caso contrário, será um costume, uma tradição. É claro que uma tradição já foi moda em algum momento, bem como pode ser retomada e, devidamente adaptada, voltar a ser moda. Mas a questão central gira em torno da temporalidade, do tempo presente que caracteriza a moda e, portanto, seu caráter efêmero e fugaz. Escreve Lipovetsky: “Vivemos nos programas curtos,

na mudança perpétua das normas, na estimulação para viver imediatamente” (2005, p. 265).

Em termos de saúde e beleza, o que vem a ser a moda hoje? O “bumbum durinho” da revista *Pense Leve*? A pele lisinha, sem espinhas, da Miley Cyrus, que estampa a capa da revista *Atrevidinha*, e aquele rosto sem manchas, rugas e flacidez da *Plástica & Beleza*? O abdome ‘tanque’ da *Men’s Health*? O corpo bronzeado da *Atrevida*? O corpo enxuto (que perde “2 kg fácil, fácil!”) da *Boa Forma*? Ou seriam os “seios turbinados” da *Plástica & Beleza*? As “pernas definidas e braços fortes” da *Women’s Health*? Ou, quem sabe, o corpo que já acabou ‘de vez’ com a flacidez, estrias e celulites da *Corpo a Corpo*<sup>3</sup>?

Através dessas mídias, observamos alguns dos atributos que o corpo da moda deve ter, propostos por essa normatização. Também é possível, no nosso entendimento, verificar que esse corpo da moda deve aparentar uma adequação a essas normas, que são moduláveis, efêmeras e contingentes.

O corpo, por sua organicidade, sua constituição biológica, sofre alterações que irão se manifestar com o tempo. Assim, as rugas, as gorduras localizadas, a flacidez, entre outras manifestações, fazem parte da evolução biológica desse corpo e são, fisiologicamente, inevitáveis. Em alguns indivíduos, podem surgir mais cedo, em outros, mais tardiamente; mas, sabemos que irão aparecer. No entanto, o que se diz hoje sobre rugas, flacidez, obesidade (entre outras evidências da organicidade) é que isso *pode* – ou *deve*?! – ser evitado, uma vez que está ocorrendo uma dissociação entre certas marcas da organicidade e etapas do desenvolvimento físico. Assim, o envelhecimento não é mais sinônimo de rugas e flacidez, a adolescência não mais se relaciona às espinhas, bem como a gravidez não precisa ser associada às estrias de abdome, coxas e mamas. Tudo isso pode ser prevenido e tratado

---

<sup>3</sup> A *Pense Leve* é uma revista de publicação mensal da editora Grupo 1, que aborda temas como saúde, nutrição e beleza. Miley Cyrus é uma adolescente norte-americana, que ficou famosa por estrear o seriado *Hannah Montana* e estampa a capa da revista *Atrevidinha* n° 49, uma publicação mensal da editora Escala Ltda., destinada às pré-adolescentes. *Plástica & Beleza* é uma revista de publicação mensal da editora United Magazines Ltda.. *Men’s Health* é uma publicação mensal da Editora Abril S.A., sob licença da Rodale International, voltada para o público masculino. *Atrevida* é uma revista de publicação mensal da editora Escala Ltda., destinada às adolescentes. *Boa Forma* é uma revista de publicação mensal da editora Abril S.A.. A *Women’s Health* é uma revista de publicação mensal da editora Abril S.A., sob licença da Rodale International, voltada para o público feminino. *Corpo a Corpo* é uma publicação mensal da editora Escala Ltda., também voltada para o público feminino. Observo que essas mídias se dispõem a veicular o que se entende hoje por beleza e saúde, bem como podem colaborar com a educação (desde a infância) para as remodelagens corporais.

em qualquer faixa etária. Aliás, estimula-se que se previnam as marcas indesejáveis da organicidade desde a juventude e que, nas diferentes etapas da vida, se intensifique certos cuidados, como indicam os excertos que seguem:

Alimentos que lhe deixam mais jovem: previna o envelhecimento precoce seguindo uma dieta inteligente (Plástica & Beleza, ano 11, n° 96, agosto/2008, p. 20)

Angélica brilha aos 36 anos: a nova aula que esculpiu a barriga da estrela. (Boa Forma, ano 24, n° 12, edição 273, dezembro/2009, capa)

Seu corpo de presente: plásticas para ficar com seios, barriga, bumbum e cinturinha de enlouquecer o parceiro. (Plástica & Beleza, ano 10, n° 95, junho-julho/2008, p. 8)

A partir deste conjunto de excertos, entendemos que as opiniões públicas (tidas como normas do noopoder) se articulam com as normas do biopoder para instar os sujeitos a observar e respeitar esse conjunto normativo e, a partir disto, buscar a normalização, a adequação às normas por meio dos recursos tecnológicos associados à medicina. As opiniões públicas, cada vez mais efêmeras e voláteis, nos propõem que devemos ser magros e saudáveis e aparentarmos juventude, mas admitem nuances que podem preconizar corpos com algumas distinções em um dado momento (como o corpo feminino magro e sarado, ou o corpo feminino magro e com poucos músculos), além de variar com o tempo (a moda dos seios pequenos dos anos 80 e a dos seios turbinados dos 2000).

A impressão que este panorama nos traz é a de que, se temos normas que podem nos mostrar as imperfeições a corrigir, e se temos recursos científicos que podem efetuar essas correções, somente não transformará seu corpo quem não quiser, quem for negligente, quem tiver preguiça ou não tiver persistência. Como analisa César (2009), de certa forma, é o sujeito quem deve escolher; a decisão a ser tomada é subjetiva e individual. Parece ser preciso estar atento às normas e manter-se vigilante com seu corpo, incitar cada vez mais o desejo para estimular cada indivíduo a transformar seu corpo e trabalhar, diariamente, para eliminar do corpo toda a imperfeição e livrá-lo de todo o “vício” (SOARES, 2009). Assim, somos convocados à normalização, como apontam os excertos abaixo:

Detone as estrias (Plástica & Beleza, ano 10, n° 95, junho-julho/2008, p. 188)

Cheia de desculpas para não se exercitar? Então, levante-se e ande, literalmente. (...) É sebo nas canelas! (Corpo a Corpo, ano XXIII, nº 252, dezembro/2009, p. 130)

135 resoluções que você coloca em prática já e fica linda e saudável em 2010. (Women's Health, edição 15, 2010, capa)

Buscar as remodelagens corporais mostra que o sujeito está compartilhando de fato as opiniões acerca do corpo holográfico com os públicos dos quais faz parte. Somos chamados à normalização através de frases de ordem (sedutoras, imperativas e, por vezes, violentas), que propõem ‘nocautear’ ou ‘detonar’ as estrias, dar ‘um ponto final’ nas celulites, ‘livrar-se de vez’ das rugas e da flacidez. Ou nos causam constrangimento ao nos interpelar: não se exercita? Quer ficar gorda? Prefere ser flácida, ter rugas e abdome ‘pochete’ a realizar as intervenções necessárias?

Há, ainda, as remodelagens buscadas através do controle nutricional. A alimentação balanceada é muito recomendada, porque auxilia na hidratação da pele, retarda a perda de colágeno (que mantém a pele firme, impedindo o envelhecimento precoce), rejuvenesce e mantém o peso dentro dos limites da normalidade. É o alimento funcionando como medicamento, como problematiza Sant’Anna (2009). Afinal, não se pode esquecer que há parâmetros científicos que definem os limites mínimo e máximo de massa corporal, para que um indivíduo seja considerado como muito gordo ou muito magro. Uma alimentação dita *balanceada* contribui tanto para a adequação às normas estéticas quanto na prevenção e manutenção da saúde. Essa articulação entre noopoder e biopoder pode ser encontrada em excertos como os que seguem:

Fonte de fibras, potássio e sulfarano, o brócoli é um aliado na prevenção do câncer e controle do diabetes. Sua preocupação é com a balança? “Vale dizer que o brócoli é rico em cálcio. A carência desse nutriente dificulta o emagrecimento.” (Corpo a Corpo, ano XXIII, nº 252, dezembro/2009, p. 153)

Gelaaaaaaaaada! Emagreça 10 kg só com alimentos frios e que aceleram o metabolismo. (Plástica & Beleza, ano 11, vol. 100, fevereiro/2009, capa)

As normas do biopoder nos investem de parâmetros científicos para definir nosso grau de “magreza” ou de “gordura”, e que, dependendo dos índices calculados, nos remetem aos riscos de desenvolvimento de doenças por carência de vitaminas, má circulação, hipertensão, diabetes, etc. Além disso, o aspecto envelhecido de uma pele pode ser resultado de maus hábitos, que

interferem também na saúde, como o tabagismo, o alcoolismo, a insônia, a depressão. E por fim, a herança genética, que pode predispor tanto às doenças quanto ao aspecto físico repleto de imperfeições.

Dessa forma, não podemos ficar parados, pois as normas são efêmeras. Se não buscarmos incessantemente uma adequação contínua, rapidamente nos afastaremos do corpo holográfico. Portanto, mexa-se! Normalize-se! Busque seu corpo holográfico!

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A busca pelo corpo holográfico, possibilitada através dos recursos médicos e tecnológicos, não deve ser tratada, no nosso entendimento, como uma futilidade ou um capricho. Ao contrário, parece-nos que esse fenômeno das remodelagens corporais pode tratar-se mais de uma das marcas das subjetividades contemporâneas.

A breve análise dos excertos possibilitou mostrar o empenho das mídias em questão para colonizar os desejos, seduzir e capturar os sujeitos, de forma a convencê-los a buscar o corpo holográfico, através da veiculação das normas do noopoder, articuladas com as do biopoder. Assim sendo, gostaríamos de sublinhar que não estamos falando em algo como uma “ditadura da moda”. Também não pensamos que os indivíduos estejam sendo subjugados a algum estatuto da beleza ou da saúde. Parece-nos, outrossim, que somos instados a seguir as normas da noopolítica e que a busca pela adequação a essas normas é algo prazeroso. É um poder tão poderoso (utilizando intencionalmente essa redundância), que não necessita apelar para a coerção. Ao contrário, os processos de dominação se fazem alegremente.

## REFERÊNCIAS

CÉSAR, Maria Rita de Assis. (Des)Educando corpos: volumes, comidas, desejos e a nova pedagogia alimentar. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (org.). **Para uma vida não-fascista**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, p. 269-280.

EWALD, François. **Foucault, a norma e o direito**. Lisboa : Vega, 1993.

FOUCAULT, Michel. Michel Foucault entrevistado por Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 1995, p. 253-278.

FOUCAULT, Michel. **Resumo dos cursos do Collège de France** (1970-1982). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999a.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FOUCAULT, Michel. A sociedade disciplinar em crise. In: FOUCAULT, Michel. In: **Ditos e Escritos IV: estratégia poder-saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, Território, População**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Império**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

INSTITUTO DATA FOLHA, Instituto de pesquisas; SOCIEDADE BRASILEIRA DE CIRURGIA PLÁSTICA. **Cirurgia Plástica no Brasil**. 2009. Disponível em

<<http://www.cirurgioplastica.org.br/publico/pesquisa2009.ppt>>.

Acesso em 05/jan/2010.

LAZZARATO, Maurizio. **As revoluções do capitalismo: a política no Império**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio: ensaios sobre a individualidade contemporânea**. Trad. Therezinha Monteiro Deutsch. Barueri-SP: Manole, 2005.

REVISTA BOA FORMA. Ano 24, nº 12, Edição 273. São Paulo: Editora Abril, dezembro/2009.

REVISTA CORPO A CORPO. Ano 23, nº 252. São Paulo: Editora Escala, dezembro/2009.

REVISTA PLÁSTICA & BELEZA. Ano 10, vol. 95. São Paulo: United Magazines Editora Ltda., junho-julho/2008.

REVISTA PLÁSTICA & BELEZA. Ano 10, vol. 96. São Paulo: United Magazines Editora Ltda., agosto/2008.

REVISTA PLÁSTICA & BELEZA. Ano 11, vol. 100. São Paulo: United Magazines Editora Ltda., fevereiro/2009.

REVISTA WOMEN'S HEALTH. Ano 2, n° 15. São Paulo: Editora Abril, sob licença da Rodale Inc., janeiro/2010.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Dietética e conhecimento de si. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (org.). **Para uma vida não-fascista**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, p. 83-94.

SOARES, Carmen Lúcia. Escultura da carne: o bem-estar e as pedagogias totalitárias do corpo. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (org.). **Para uma vida não-fascista**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, p. 63-82.

TARDE, Gabriel. **A Opinião e as Massas**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.